

ENTRE O DIGITAL E O SOCIAL: INCLUSÃO E EMANCIPAÇÃO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Ana Luiza Boncompagni¹; Amanda Tolomelli Brescia²

¹**Ana Luiza Boncompagni** - Programa de Pós-Graduação em Educação – Faculdade de Educação – Universidade do Estado de Minas Gerais (PPGE /FAE /UEMG), Belo Horizonte, MG, Brasil, luboncompagni@hotmail.com

²**Amanda Tolomelli Brescia** - Programa de Pós-Graduação em Educação – Faculdade de Educação – Universidade do Estado de Minas Gerais (PPGE /FAE /UEMG), Belo Horizonte, MG, Brasil, amanda.brescia@uemg.br

Introdução

A relação entre inclusão digital e inclusão social no contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA) se apresenta como um tema de grande relevância na atualidade, considerando que a sociedade contemporânea está cada vez mais mediada por tecnologias digitais. O cotidiano social, econômico, cultural e educacional passa, de modo crescente, pelo uso de celulares, computadores, aplicativos e plataformas digitais, o que torna o domínio dessas ferramentas uma condição importante para a participação plena na vida social.

Nesse contexto, a exclusão digital pode acentuar processos de exclusão social, especialmente quando os sujeitos não têm oportunidade de compreender e utilizar as tecnologias de forma crítica e significativa. Pierre Lévy (2011) chama atenção para o fato de que, sem a superação das barreiras digitais, as ferramentas tecnológicas podem reforçar desigualdades, o que exige reflexão sobre políticas e práticas inclusivas. Na mesma direção, Silva (2011) destaca que as novas tecnologias vêm transformando profundamente o comportamento da sociedade contemporânea, o que torna indispensável que a educação acompanhe essas mudanças. Além disso, Nascimento, Costa e Almeida (2015) ressaltam que, se a escola não oferecer acesso e mediação pedagógica para o uso das tecnologias de informação e comunicação, os estudantes continuarão expostos a esses recursos no cotidiano, mas sem condições adequadas de apropriação. Desse modo, a literatura evidencia que não basta apenas disponibilizar tecnologias: é necessário garantir formação para seu uso crítico, sobretudo na EJA.

Considerando a EJA em sua dimensão social, étnica, racial e cultural, como propõe Arroyo (2006), torna-se evidente que essa modalidade exige um olhar pedagógico específico, voltado para a realidade concreta de seus sujeitos. Assim sendo, a discussão acerca da inclusão digital na EJA torna-se ainda mais necessária, pois seus estudantes, em sua maioria, pertencem a grupos historicamente marcados por vulnerabilidades sociais, econômicas e educacionais. Muitos são trabalhadores, tiveram trajetórias escolares interrompidas e convivem com barreiras de acesso aos recursos digitais e às práticas de letramento digital. Assim, a escola precisa assumir um papel formativo que vá além da transmissão de conteúdos, articulando educação, tecnologia e participação social.

Em vista disso, o objetivo geral desta pesquisa é compreender quais relações se estabelecem entre a inclusão digital e a inclusão social de discentes da EJA. Como objetivos específicos, busca-se: compreender como os conceitos de inclusão digital e inclusão social se articulam; analisar o potencial da escola como espaço de promoção da inclusão digital para estudantes da EJA; e investigar como a inclusão digital pode contribuir para maior participação social desses sujeitos. A pesquisa adota abordagem qualitativa, com revisão de literatura e grupo focal com estudantes da EJA, e utiliza a análise de conteúdo para interpretação dos dados.

Metodologia

A pesquisa adota abordagem qualitativa, por compreender que esse tipo de investigação permite analisar de forma mais profunda as experiências, percepções e significados atribuídos pelos sujeitos ao uso das tecnologias digitais em seu cotidiano escolar e social. O estudo também se fundamenta em revisão de literatura realizada em dissertações, teses e trabalhos publicados em bases acadêmicas. Por uma escolha metodológica, a revisão teve como foco o Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES e produções da ANPED, a fim de identificar contribuições teóricas, avanços e lacunas na área.

Como procedimento de campo, prevê-se a realização de grupo focal, a escolha dessa técnica se justifica por possibilitar a escuta coletiva e o diálogo entre os participantes, permitindo compreender como percebem o uso das tecnologias digitais em suas vidas, na escola e na participação social. Será realizado o encontro com 10 estudantes da EJA do turno da noite da Escola Estadual Professor José Mesquita de Carvalho, em Belo Horizonte, reconhecendo-os como sujeitos ativos da pesquisa e valorizando suas experiências e opiniões sobre o tema. A definição desse quantitativo busca favorecer a interação grupal e a diversidade de experiências, sem comprometer a dinâmica da técnica. Serão incluídos estudantes regularmente matriculados na EJA da instituição, com idade igual ou superior a 18 anos, que manifestarem interesse voluntário em participar da pesquisa mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Serão excluídos do estudo estudantes menores de 18 anos, que não estejam regularmente matriculados na EJA da instituição no turno da noite ou que não concordem em assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A análise dos dados será realizada com base na Análise de Conteúdo, em diálogo com o referencial teórico que sustenta o estudo.

Além disso, o trabalho considera os procedimentos éticos da pesquisa com seres humanos, prevendo consentimento livre e esclarecido dos participantes, preservação do anonimato e utilização dos dados exclusivamente para fins acadêmicos. Essa articulação entre pesquisa de campo, fundamentação teórica e cuidados éticos busca garantir consistência metodológica e coerência para o estudo.

Resultados e discussão

A pesquisa encontra-se em andamento e, até o momento, a etapa de campo ainda não foi realizada. Dessa forma, os dados aqui apresentados são parciais e decorrem da revisão de literatura realizada em dissertações, teses e trabalhos acadêmicos sobre temas que envolvam inclusão digital, inclusão social e EJA.



A inclusão digital, no contexto da EJA, não pode ser compreendida apenas como acesso a equipamentos ou à internet, mas como possibilidade concreta de participação social, alcance à informação, comunicação e exercício da cidadania. Conforme destaca Bittencourt (2017), a inclusão digital não se limita ao uso instrumental das tecnologias, mas envolve o desenvolvimento de competências cognitivas mais complexas, como pensamento crítico, ampliação de percepção do mundo, resolução de problemas e compreensão do contexto social. Trata-se de uma temática que ultrapassa a dimensão técnica e passa a se relacionar com o campo da formação humana.

É necessário considerar que o cotidiano dos estudantes da EJA é atravessado por demandas digitais cada vez mais presentes, como comunicação por aplicativos, uso de serviços bancários, deslocamento por aplicativos de transporte e acesso a informações públicas. E, nessa perspectiva, a ausência de Competências Digitais pode aprofundar sentimentos de distanciamento, insegurança e exclusão, o que impacta não apenas a vida escolar, mas também a permanência no trabalho, o acesso a direitos e a inserção social. Nessa direção, Costa (2022) confirma que promover o acesso dos estudantes da EJA à linguagem digital configura-se como uma ação de justiça social, ao favorecer sua inserção no mundo digital e ampliar o reconhecimento de suas potencialidades.

Nesse cenário, a escola tem potencial para atuar como espaço de democratização do conhecimento e de ampliação das competências necessárias ao uso crítico dessas ferramentas. Como evidencia Silva (2015, p. 92), “[...] quando eles têm a possibilidade de conhecerem logo na escola, mesmo com dificuldades cognitivas, o uso de equipamentos tecnológicos. Logo vem à tona a função social inclusiva que uma escola que faz uso das tecnologias pode promover.”. Compreende-se, então, que, quando a escola não incorpora as tecnologias digitais ao processo formativo, perde a oportunidade de contribuir de forma efetiva para o desenvolvimento de sujeitos mais autônomos e críticos.

Autores como Freire e Arroyo reforçam a necessidade de uma educação voltada para a emancipação, capaz de reconhecer os sujeitos da EJA em suas trajetórias reais, valorizando suas experiências e suas formas de saber. Assim, a inserção das tecnologias no espaço escolar da EJA precisa estar articulada a uma proposta pedagógica comprometida com a formação humana, ultrapassando as barreiras de ser apenas um local de acesso e passa a ser também um lugar de mediação e construção de sentidos sobre o uso das tecnologias. Nessa perspectiva, a EJA, enquanto campo de política educacional, assume o compromisso com a formação das camadas populares e com a superação de processos de exclusão social, conforme destacam Soares, Giovanetti e Gomes (2005).

O conceito de Competências Digitais ganha centralidade nessa discussão, pois é necessário promover condições para que os estudantes saibam utilizar essas ferramentas de forma funcional, crítica e socialmente situada, de modo que possam transitar com maior autonomia pelos diferentes contextos em que as tecnologias estão presentes.

Dessa forma, a inclusão digital passa a ser entendida como um processo pedagógico e político, relacionado à ampliação do acesso, ao fortalecimento da cidadania e à redução das desigualdades sociais. Esse entendimento se afasta de uma visão mais limitada da tecnologia e amplia para uma percepção na qual o uso das mídias digitais se vincula à formação da pessoa como sujeito social.

Quando se considera a realidade concreta da EJA, as limitações desse processo também se tornam evidentes. A falta de infraestrutura adequada, a ausência de políticas públicas consistentes, as dificuldades de formação docente e a heterogeneidade dos perfis dos estudantes da EJA se apresentam como relevantes obstáculos que prejudicam a inclusão digital de forma espontânea e linear. Vinhal (2023) expõe que “[...] enfim, conhecimento e transformação os quais que podem ser efetivados das políticas públicas de educação e disponibilização de recursos didáticos necessários, além das tecnologias da informação”. Por isso, a efetivação dessa inclusão exige planejamento, investimento e uma concepção pedagógica bem estruturada e comprometida com a realidade dos educandos.

Desse modo, as hipóteses desta pesquisa indicam que a articulação entre inclusão digital e inclusão social pode contribuir para ampliar a participação dos estudantes da EJA em diferentes dimensões da vida social. Como afirma Freire (2005, p. 98), “O homem concreto deve se instrumentar com o recurso da ciência e da tecnologia para melhor lutar pela causa de sua humanização e de sua libertação”. A escola, nesse processo, assume lugar estratégico ao possibilitar o acesso, a apropriação e o uso crítico das tecnologias digitais como instrumentos de formação humana e emancipação, essa articulação se configura como dimensão constitutiva do direito à educação de qualidade.

Conclusões

A inclusão digital se apresenta como uma dimensão fundamental na inclusão social dos estudantes da EJA, visto que o acesso e uso crítico das ferramentas digitais ampliam as possibilidades de participação social dos sujeitos. Nesse cenário, a escola assume um papel ativo e relevante na promoção de Competências Digitais, contribuindo para que esses estudantes tenham acessos a recursos e se apropriem do uso das tecnologias de forma efetiva e consciente. Assim, essa inclusão digital fortalece a EJA ao articular a educação digital ao processo de emancipação social dos indivíduos, ao mesmo tempo em que evidencia a necessidade de políticas públicas e práticas pedagógicas que assegurem esse direito de forma efetiva.

Palavras-chave

Educação de Jovens e Adultos; Tecnologias Digitais; Inclusão Digital.



Referências Bibliográficas

- ARROYO, Miguel Gonzalez. Formar educadoras e educadores de jovens e adultos. In: SOARES, L. (Org.). **Formação de educadores de jovens e adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- ARROYO, Miguel Gonzalez. *Passageiros da noite: do trabalho para a EJA: itinerários pelo direito a uma vida justa*. Petrópolis: Vozes, 2017.
- BITTENCOURT, Priscilla Aparecida Santana; ALBINO, João Pedro. O uso das tecnologias digitais na educação do século XXI. *Revista Ibero-Americana de estudos em educação*, p. 205-214, 2017.
- BLIKSTEIN, Paulo. Viagens em Tróia com Freire: a tecnologia como um agente de emancipação. *Educação e Pesquisa*, v. 42, p. 837-856, 2016.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede: a era da informação: economia, sociedade e cultura**. 9. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.
- COSTA, Danielle Sobral Porto. Uso das tecnologias digitais nas salas de aula da EJA, com o desenvolvimento do aplicativo TEXTEJA. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação – Campus I, Programa de Pós-Graduação em Educação de Jovens e Adultos, Mestrado Profissional – MPEJA, Salvador, 2022.
- FREIRE, Paulo. **A Educação na Cidade**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.
- FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **Educar com a mídia: novos diálogos sobre educação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2011.
- MATTAR, João; RAMOS, Daniela. **Metodologia da pesquisa em educação**. São Paulo: Atlas, 2021.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.
- NASCIMENTO, Júlio Mateus de Melo; COSTA, Roberta Dall Agneses da; ALMEIDA, Caroline Medeiros Martins de. Inclusão digital e a Educação de Jovens e Adultos (EJA): Uma breve revisão bibliográfica. V Seminário Internacional sobre Profissionalização Docente - SIPID - Catedra UNESCO -, [S. l.], p. 1- 13, 26 out. 2015.
- SANTOS, Flávia Andra dos. Da perspectiva analógica ao contexto digital: desafios à inserção das tecnologias digitais na EJA. In: ANPED, 2017.
- SILVA, Ângela Carrancho da. Educação e tecnologia: entre o discurso e a prática. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 72, p. 527-554, jul./set. 2011.
- SILVA, Marilda Coelho da. Letramento digital na educação de jovens e adultos em Esperança - Paraíba. 2015. Dissertação (Mestrado em Formação de Professores) — Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores, Campina Grande, PB, 2015.
- SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia; GOMES, Nilma Lino. Diálogos na educação de jovens e adultos. [S. l.]: Autêntica Editora, 2005.
- VINHAL, Leria Cristina. Políticas educacionais e a inserção das tecnologias (TICs) na educação de jovens e adultos. 2023. Dissertação (Mestrado em Educação) — Faculdade de Inhumas - FACMAIS, Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE, Inhumas, GO, 2023.